

AS NARRATIVAS DE EXTRAÇÃO HISTÓRICA NA OBRA “O TRONCO” DE BERNARDO ÉLIS

Deiziane Nogueira da Silva¹
Adriana Bezerra²

RESUMO:

Obras literárias que incorporam aspectos da história e ficção promovem na literatura contemporânea grandes polêmicas que trazem a tona questões teóricas que tratam do papel e intenções do escritor, que neste caso agem como um historiadores. Estas polêmicas contribuem para o surgimento de dúvidas a respeito de como caracterizar uma obra literária que percorre os caminhos da ficção e da realidade. Um forte exemplo disso é *O tronco*, uma obra que traz a tona acontecimentos importantes da sociedade goiana do século XIX, revelando as tragédias sociais da região provocada por luta pelo poder, que trouxeram várias consequências a uma sociedade esquecida pelas leis. Bernardo Élis, sendo um escritor bastante realista e regionalista, retrata tais acontecimentos de forma magnífica, dando aos fatos um caráter crítico, que nos faz querer descobrir mais sobre esta região do país. Porém, ao afirmar que sua obra é puramente ficção, Élis cria uma polêmica em torno da produção literária em questão. Motivados por este aspecto decidimos ter *O Tronco*, como objeto de estudo, em uma pesquisa movida pela necessidade de se investigar os elementos da narrativa desta obra, que nos possibilite verificar as questões que levaram a junção dos aspectos verídicos e ficcionais feitos por Bernardo Élis na obra em questão, o que contribuirá para um maior entendimento a respeito de teorias que estudam a relação destes dois elementos em obras literárias. Assim, com uma proposta voltada para análise teórica aspectos históricos e ficcionais na obra *O Tronco*, pretendemos identificar qual a corrente literária que melhor representa o processo utilizado por Bernardo Élis ao escrever seu romance, e consequentemente promover aos leitores o esclarecimento de acontecimentos marcantes da sociedade goiana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, ficção, história, sociedade.

ABSTRACT:

Literary works that incorporate aspects of history and fiction to promote contemporary literature big controversies that bring out theoretical questions that address the role and intentions of the writer, in this case act as a historian. These controversial, contribute to a doubt as to how to characterize a literary work on the trails of fiction and reality. A strong example of this is “*O Tronco*”, a literary work that brings out the important events of the century XIX Goiás society, reveling the region’s social tragedy caused by the power struggle, which brought a number of consequences to a society for gotten laws. Bernardo Élis, being a very realistic and regionalist writer, depicts these events in a magnificent, giving the character a critical facts, it makes us want to find out more about this region of the country. However, by asserting that his works purely fiction, Élis creates a controversy over literary production in question. Motivated by this point we decided to have “*O Tronco*” as an object of study in are search driven by the need to investigate the narrative elements of this work to enable us to verify the issues that led to the junction of the true and fictional aspects made by Bernardo Élis in the work in question, which contribute to a better understanding of the theories that consider the joining of these two elements in literary works. So with a proposal focused on theoretical analysis and historical aspects of the fictional work *O Tronco*, which we intend to identify the current literature that best represents the process used by Bernardo Élis writing his novel, and thus promote the enlightenment of the readers of significant events in society Goiás.

KEYWORDS: literature, fiction, history, society.

¹ Graduada em LETRAS, Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária Cora Coralina. zianide_silva@hotmail.com

² Professora do Curso de LETRAS, Português/Inglês, da UEGoiás – UnU Cora Coralina. Orientadora do trabalho.

Introdução

Que a literatura e a história possuem uma estreita relação entre si, não é nenhuma novidade. Até mesmo em relatos do descobrimento de nosso país percebe-se que os textos literários contribuem para a constituição do caráter histórico, e vice e versa. Tal relação vem sendo cada vez mais apropriada pelos escritores literários da contemporaneidade que usam fatos históricos para relatarem direta ou indiretamente acontecimentos importantes de um determinado momento histórico.

Ao ler o romance *O tronco* de Bernardo Élis, a maioria dos estudiosos e críticos literários deparam-se com um dilema: a obra trata-se somente de ficção ou é baseada em fatos reais? Tal indagação é influenciada por inúmeros fatores, entre eles o fato de o próprio autor caracterizar a obra como fictícia, contribuindo para a propagação de tal ideia na maioria de seus leitores e o fato de, por outro lado, existirem documentos e estudos que afirmam que os acontecimentos narrados, com algumas modificações, ocorreram realmente no norte do estado de Goiás no final do século XIX, época do coronelismo.

Deste modo, o presente estudo, buscará responder a tais indagações através de teorias como romance histórico teorizado por Zilberman (2003), Hutcheon (1991) Trouche (2006), bem como, exposição de dados verídicos, seja através de estudos de cunho histórico, ou seja, através de documentos da sociedade goiana da época.

Diante disso, a principal proposta desta pesquisa é promover através do romance de Bernardo Élis, uma maior reflexão sobre as questões que envolvem a junção de aspectos da ficção e história nas obras literárias que são frequentemente indagadas por inúmeros leitores, e assim, verificar as possibilidades de se caracterizar o romance *O Tronco* como um texto de extração histórica, possibilitando uma maior compreensão a respeito dos fatos fictícios e verídicos presentes na obra.

1 Literatura e História: passado que se faz presente na contemporaneidade

Ao apropriar-se de elementos históricos em suas narrativas os escritores podem se deixar levar por suas imaginações e a partir dos fatos reais recriarem as histórias tendo como foco a representação de um objeto idealizado. Neste sentido o escritor pode usar os fatos verídicos, adaptando os mesmos aos fatos fictícios, para recriar os acontecimentos, porém, estabelecendo certa

relação de crítica sobre os mesmos, sem que se deixe explícita a relação da obra literária com os aspectos reais.

Bernardo Élis é um grande escritor goiano e a forma com que suas obras se relacionam a matéria histórica possibilita uma maior investigação dos aspectos que percorrem o caminho da ficção e da história em suas obras. Seja por ter vivido parte de sua vida no interior de Goiás, ou seja, por privilegiar os fatos históricos e sociais, o fato é que Bernardo Élis é um escritor que tratava, de forma diversificada, a matéria histórica em suas obras literárias. Ele não somente retratava tais fatos como também dava aos fatos um caráter inovador e particular, portanto, mesmo sendo de uma realidade indiscutível suas obras acabavam por se misturarem em meio ao universo literário de criação do próprio autor, e isso é o que de certa forma deu um toque especial a suas criações literárias, que cassavam de forma bem sucinta e imperceptível história e ficção.

Ao analisarmos *O Tronco*, obra deste importante escritor goiano, nos deparamos com um problema que se tem feito muito presente nas obras contemporâneas, não conseguimos saber ao certo como enquadrar suas produções que relacionam ao mesmo tempo ficção e história, ou seja, seriam elas fictícias ou verídicas?

A obra *O Tronco* segue um veio de narrativas que possuem uma forte relação com fatos históricos, pois narra a disputa de poder em uma cidade do interior de Goiás entre a família do forte coronel Pedro Melo, o coletor de impostos Vicente Lemes e o juiz Valério Ferreira, pessoas que embora estabeleçam relações familiares tinham ideais completamente diferentes, e na defesa de tais ideais provocaram uma verdadeira guerra que no final resultou em morte de vários inocentes, uma vez que, o que era luta por justiça virou um conflito de interesses entre policiais e jagunços.

Ao passo que o leitor se aprofunda na narrativa, fica claro a ligação do romance *O Tronco* com a história do coronelismo, retratando o interior de Goiás no século XIX. Na narrativa uma única família, cujo patriarca era o velho Pedro Melo, grande coronel da região, seguido por seu filho Artur Melo o qual seguia exatamente os ensinamentos do pai, queriam ter o poder de fazer o que bem entendessem, porém encontraram em seu caminho Vicente e Valério que lutavam por justiça, e mesmo com medo das consequências questionavam as ações dos Melos, o que provocou naquele povoado uma verdadeira guerra que teve resultados cruéis.

Os ideais de justiça de Vicente Lemes e Valério Ferreira não resultaram em tempos melhores, mais sim em dias cruéis que fizeram daquele povoado um verdadeiro campo de batalha. A polícia que deveria proteger a população mostrou um lado cruel cujo único objetivo era proteger

a si mesma, mesmo que para isso tivesse que sacrificar inocentes. O que era uma luta contra a injustiça gerou mais injustiça e morte.

Vicente e outros homens viram-se obrigados a deixarem o povoado para tentar salvar pelo menos a vida das mulheres da família. No fim do livro Vicente faz uma reflexão sobre o que valera todo aquele esforço na tentativa de se obter justiça: “Do sangue derramado, da miséria, da dor, das lágrimas espalhadas nas terras do Duro, uma vida melhor iria despontar” (ÉLIS, 2008, p. 276).

Mesmo sendo obrigado a recomeçar sua vida em outro Estado, longe da família, Vicente ainda tinha no fundo a esperança de que tudo não fora em vão, acreditava na mudança, no surgimento de novos dias na Vila do Duro. Mesmo narrando um fato que caracteriza uma estrutura política que realmente existiu, o coronelismo, este fato não é suficiente para comprovar se o enredo de *O Tronco* vincula-se a acontecimentos históricos, para isso faz-se necessário uma análise mais específica dos fatores presentes no romance que estabelecem uma semelhança real ou ficcional com a história.

2 Retratando o histórico em *O tronco*

Alguns estudiosos afirmam que o romance *O Tronco* teria realmente acontecido no Estado de Goiás no século XIX, e arriscam que a obra é taxada como ficção por pura ironia. Assim sendo, a caracterização da obra de Bernardo Élis se torna algo complexo que exige muita dedicação e estudo.

Porém, através de fatos históricos pode-se analisar a semelhança ou não de tal obra com a realidade, isso não significa comprovar a legitimidade dos fatos narrados mais sim verificar as possibilidades dos mesmos realmente pertencerem a um determinado acontecimento ocorrido no interior goiano. Uma pequena pesquisa já nos situa diante do forte domínio dos coronéis para a organização política no século XIX. Em *O Tronco* percebe-se o quanto isso afetava a vida de toda a sociedade trazendo graves consequências.

Constata-se que no romance em questão o autoritarismo dos coronéis levou a morte de vários inocentes. Assim, é muito importante analisar os aspectos relacionados ao coronelismo em Goiás, apresentado na narrativa e os confrontar aos aspectos do coronelismo em Goiás registrados em outras fontes, isso nos possibilitará observar o que de fato possui relação de verossimilhança ou não com a obra objeto do presente estudo.

Neste sentido, a obra de Palacín (1990), *Coronelismo no extremo norte de Goiás: “O padre João e as Três Revoluções de Boa Vista”*, faz-se viável para o objetivo aqui estabelecido, pois, embora apresente uma abordagem distinta da evidenciada no romance de Bernardo Élis sobre o coronelismo em Goiás, fornece-nos dados importantes sobre o coronelismo e até mesmo sobre a estrutura política do norte de Goiás na época colonial. É fácil detectar na mesma os traços marcantes do coronelismo, e assim, estabelecer a semelhança com o romance de Bernardo Élis, citado por Palacín:

A literatura de Hugo de Carvalho Ramos e mais tarde a de Bernardo Élis, nos tem acostumado a ver a vida do camponês sob o jugo do coronel como um quadro sombrio de sordidez e opressão; os estudos sobre o coronelismo destacam os aspectos de dependência total, prepotência irracionalidade; em Goiás, em concreto, a descoberta ou redescoberta da lei de contrato de locação de serviços tem levado os historiadores a falar de uma situação de verdadeira escravidão legal. (1990, p. 33).

Percebe-se que o autor evidencia que assim como retrata Bernardo Élis em seu romance, alguns estudos da época retratada também comprovam que os coronéis faziam de uma época onde era livre a escravidão, um lugar onde isso não existia e era totalmente legal fazer de pessoas livres verdadeiros escravos.

Bernardo Élis retrata um coronel que era mais bem servido de homens para lutar por seus objetivos até mesmo mais do que a polícia, assim, eles conseguiam tudo o que queriam, Palacín (1990), afirma que o poder dos Coronéis não estava centrado nos bens que possuíam ou em seu prestígio econômico, mas sim por sua força e poder político:

Todo grande proprietário, por conseguinte, embora não pudesse ser considerado economicamente poderoso por carecer de capital líquido, era sempre politicamente poderoso. Era o ‘coronel’, contava com tantos votos e tantas armas quantos homens, e com isto, num tempo em que o poder central aparecia como algo longínquo e inoperante, podia reivindicar o exército da jurisdição política. (PALACÍN, 1990, p. 41).

Desse modo, a força, as armas e a influência política dos coronéis são o que dava a estes homens um imenso poder, neste caso pode-se tomar como exemplo o romance de Bernardo Élis, onde a polícia mesmo usando de seus melhores homens e de todos os recursos disponíveis não conseguira derrotar os coronéis no combate travado no enredo. Pelo contrário, na maioria dos casos o governo fechava os olhos para os feitos dos coronéis, pois, sabiam que de nada adiantava querer ir contra os interesses dos mesmos. Palacín comprova isto no seguinte trecho:

Há desta forma, uma redução da autonomia do estado que deve compactuar com a prepotência dos coronéis do interior, para a realização de seus fins específicos, a manutenção da paz social e a aplicação da justiça. As atribuições judiciais, privativas do estado, para a consecução destes fins – manutenção de uma força armada, cobrança de impostos, nomeação de autoridades – ficam igualmente em grande parte privatizadas. (1990, p. 41).

A obra de Palacin nos permite estabelecer a relação de aspectos da realidade que envolve as características do coronelismo com o romance de Bernardo Élis, conseguimos identificar que a obra em questão apresenta características que são facilmente comprovadas no presente estudo de Palacin, uma vez que por seguir características reais do coronelismo, a obra evidencia inúmeras possibilidades de ser extraída ou pelo menos de ter caráter de verossimilhança com fatos da realidade. Contudo, isso não significa dizer que o romance *O Tronco* é uma história real ou escrita baseada em fatos reais, mais sim, que cada vez mais se tornam inúmeras as hipóteses que levam a tais indagações.

Porém pesquisas nos mostram que a vila do Duro retratada no romance de Bernardo Élis, não seria um lugar fictício. Existe atualmente uma cidade denominada Dianópolis, cidade pertencente ao estado do Tocantins, a relação desta cidade com o estado de Goiás se dá, pois, a época retratada no romance de Bernardo Élis, diz respeito à data em que a cidade pertencia ao estado de Goiás.

A origem do nome Dianópolis está relacionada a Francisco das Chagas Moura, que foi prefeito do município entre os anos de 1934 a 1938. Até então, a cidade chamava-se "São José do Duro". "Duro" era uma simplificação de "D'ouro", uma vez que a região era rica em ouro em seu subsolo. Quando prefeito, Francisco Moura indicou que a cidade fizesse uma homenagem às senhoras do lugar que chamavam-se "Custodiana", conhecidas pela alcunha de "Diana". Daí a indicação da cidade passar a chamar-se "Dianópolis", quer dizer, "Terra das Dianas".

Uma vez ficando clara a ligação do estado de Goiás com a cidade do Duro, retratada por Bernardo Élis, podemos perceber que Duro foi uma cidade que existiu e também foi cenário de um acontecimento idêntico ou muito semelhante ao narrado por Bernardo Élis em seu romance, acontecimento este que pode ser analisado através das matérias de Póvoa, denominada como: A capelinha dos nove, Polícia controla a vila Tiroteio, evidencia com detalhes parte deste acontecimento:

A vila ficou sob o controle da polícia, comandada pelo Ten. Antônio Seixo de Brito, que mandou prender, familiares e amigos do Wolney, tomando-os como reféns para evitar o

ataque Abílio. Houve tentativas de negociações encabeçadas por Ana Custodia, irmã de Cel. Abílio. Esta senhora estava com um filho menor preso (Oscar Leal), assim como o marido, João Batista Leal, mas os acontecimentos se tornaram irreversíveis e aqueles nove homens cujos nomes estão escritos num pequeno monumento da Praça da Capelinha foram postos no tronco e fuzilados quando a Vila foi atacada. [...] Eis os nove mártires: Capitão Benedito Pinto de Cerqueira Póvoa, João (Joca) Pinto Póvoa, seu filho, Capitão João Rodrigues de Santana, com os filhos Nilo e Salvador Rodrigues de Santana; Wolney Filho, irmão de Cel. Abílio; João Batista Leal, Major da Guarda Nacional e cunhado do Cel. Abílio; Messias Camelo Rocha, sobrinho de Benedito Pinto de Cerqueira Póvoa e Nasário do Bonfim, fiel e humilde servidor de João Rodrigues Santana. (PÓVOA, s/d)

Através deste trecho, retirado da matéria de Póvoa, pode-se perceber que ocorreu na antiga cidade do Duro, um acontecimento que apresenta fortes semelhanças a narrativa de *O Tronco*. Apesar de os nomes dos envolvidos não serem os mesmos evidenciados por Bernardo Élis, percebe-se que as partes centrais de sua narrativa podem ser detectadas no trecho evidenciado acima.

Constata-se ainda, que o acontecimento real acima retratado, mostra que Bernardo Élis se apropriou de fatos decisivos da narrativa para criar seu romance, assim, como na história relatada por Póvoa, o romance de Bernardo Élis, também, tem como ponto culminante a execução de nove homens inocentes, que foram cruelmente fuzilados amarrados a um instrumento de tortura que até em tão era utilizado como forma de reprimir opositores.

Observa-se que Bernardo Élis não somente criou sua obra, retratando como tema principal fatos ocorridos na Vila do Duro, mas também, usou alguns fatos com uma riqueza de detalhes como se quisesse reproduzir o acontecimento, atribuindo aos mesmos uma grande semelhança com os fatos reais, isso, poderia ser uma forma de mostrar que estava se referindo a um acontecimento verídico, mesmo afirmando inúmeras vezes que sua obra era meramente ficcional.

Essas observações só servem para nos situar de como Bernardo Élis elaborou com audácia e ao mesmo tempo agiu com cautela, diante da retratação dos fatos de seu romance. O autor mostra que sabia que era arriscado retratar um acontecimento tão importante e que envolvia interesses de vários poderosos, por isso, agiu como se não soubesse do que estava falando, e atribuiu seus relatos a pura criação literária, afirmando que sua obra era somente fruto de sua imaginação, porém articulando elementos em seu romance, que garantem a veracidade dos fatos narrados, e que são facilmente reconhecidos por estudiosos ou por pessoas que de certa forma conhecem a história da antiga cidade do “Duro”.

Constata-se através das evidências impostas até aqui, que a obra de Bernardo Élis é baseada em um fato ocorrido no interior de Goiás, mas precisamente no norte goiano, e que ao categorizar sua obra como ficção e até mesmo ao afirmar inúmeras vezes que a mesma não se refere a nenhum acontecimento ou pessoa, como evidencia na dedicatória de seu livro, o que Bernardo Élis faz é ter cautela para não provocar graves consequências.

Levando em consideração os fatos reais apresentados até aqui, podemos afirmar que a obra *O Tronco* de Bernardo Élis foi criada a partir da apropriação de fatos reais ocorridos na antiga cidade do Duro, e que Bernardo Élis usou alguns recursos para tornar sua obra metade relato verídico, e metade fictícia.

3 Caracterizando o romance de Bernardo Élis

Para conseguirmos entender melhor como o autor utilizou de tais fatos dentro da narrativa de seu romance, nos dedicaremos agora em evidenciar características do mesmo, que se assemelham ou se divergem das principais teorias que relacionam ficção e relato histórico. Com isso, esperamos identificar qual teoria melhor se enquadra na literatura em questão, fazendo com que traços marcantes do romance e até mesmo de Bernardo Élis sejam melhores compreendidos através de tal enquadramento, proporcionando assim, uma maior reflexão sobre os fatos do romance que podem ser fictícios e os que de fato possuem um laço com a realidade.

Levando em consideração os princípios do romance histórico, percebemos que os escritores deste movimento, buscam interpretar o passado, na maioria das vezes com o intuito de idealizar acontecimentos históricos importantes. Assim, esta teoria está diretamente ligada a historicidade. Este é um aspecto que torna possível seu enquadramento na obra em análise, uma vez que Bernardo Élis se baseia em fatos históricos de uma determinada época. Outro aspecto que aproxima a teoria do romance histórica à narrativa de *O Tronco* é que o romance histórico preocupava-se com a descrição da vida popular através de personagens que as representassem.

Percebemos que *O tronco* é uma narrativa que relaciona fatos históricos a elementos ficcionais, para tal, apresenta personagens que representam características da época retratada, em que o autor preocupa-se em atribuir a essas personagens o perfil que retrate a sociedade que é evidenciada.

Porém, existem algumas características essenciais que uma obra deve ter para ser um romance histórico, pois, como evidencia Luckás (1974) apud Zibermam (2003), verifica-se que os

personagens retratados deveriam ser personagens ilustres que seriam exaltadas por seus grandes feitos, e deveriam ser retratados somente grandes acontecimentos históricos, de modo que, a sociedade percebesse tais acontecimentos como verídicos. Porém na narrativa em análise, percebe-se que os acontecimentos narrados não representam acontecimentos históricos consagrados com a presença de personagens ilustres registrados pela historiografia, pelo contrário, os fatos relatados são desconhecidos por muitas pessoas, e o autor ao invés de exaltar os personagens envolvidos na história comprovando sua veracidade, omite os mesmos.

Por fim, um aspecto importante diante da inviabilidade do romance *O Tronco* ser pertencente ao romance histórico se dá pelo fato de Bernardo Élis não deixar explícito em seu romance a ligação dos fatos com a história retratada, uma vez que mesmo o romance histórico sendo uma espécie de narrativa, segundo Lukács (1974) apud Zibermam (2003), que não consiste em reproduzir diretamente fatos e personagens da realidade, mas sim em reproduzir os feitos dos mesmos registrados pela historiografia, onde os elementos ressaltados aparecem com plano de fundo, percebe-se que os fatos e personagens históricas devem ser comprovados como existentes e isso não ocorre na narrativa em questão, primeiro por que o próprio autor se nega a fazê-lo, segundo pois os fatos relatados não se encontram nos registros historiográficos.

Sendo assim, faz-se necessário afirmar que a narrativa em questão não se enquadra dentro dos princípios defendidos por Lukács (1974) apud Zibermam (2003), a teoria apresentada mesmo tendo como fonte a ficção e a realidade apresenta empecilhos que possibilitam afirmar que a obra analisada de Bernardo Élis não se trata de um romance histórico.

Cabe-nos agora averiguar as possibilidades de se enquadrar a narrativa de *O Tronco* dentro dos princípios defendidos por Hutcheon (1991), em seu estudo sobre o romance metaficcional historiográfico. Uma das principais características desta teoria está na concepção de propor um diálogo entre ficção e história, este é um dos elementos que nos faz averiguar as possibilidades de se enquadrar o romance de Bernardo Élis nesta teoria. Porém, ao analisarmos mais minuciosamente as características da mesma juntamente com os principais aspectos do romance em análise, percebemos que este possui inúmeros aspectos que podem assemelhar-se ou romper-se com os princípios defendidos por Hutcheon (1991).

A autora ainda evidência que na metaficção historiográfica já não era preocupação do escritor descrever fatos ou personagens que pudessem ser comprovados pelos registros históricos. Este é um ponto bastante viável para o enquadramento da obra de Bernardo Élis, uma vez que, não existe registros históricos que comprovem que a obra realmente aconteceu no interior de Goiás, o

mais que conseguimos encontrar são relatos de pessoas e documentos de outros fatos que se relacionam aos aspectos retratados no romance, assim, percebemos que como na teoria da metaficção historiográfica o que temos no romance de Bernardo Élis é uma possível relação de verossimilhança.

Assim, as narrativas da metaficção historiográfica levavam em consideração dar uma nova forma de questionamento aos fatos históricos. Seria um tipo de literatura que percorre os caminhos da ficção e da história. Desse modo, pelos fatos relatados ao decorrer desta pesquisa e os aqui ressaltados pode-se afirmar que o enquadramento do romance de Bernardo Élis aqui estudado dentro da literatura metaficcionais historiográficas seria a possibilidade mais viável.

[...] O romance não-ficcional não se limitou a registrar a histeria contemporânea da história, não se limitou a abranger o elemento ficcional inevitável em qualquer relato e depois tentar inventar seu caminho rumo à verdade. O que fez foi questionar seriamente que determinava e criava essa verdade, e talvez tenha sido esse aspecto específico do romance não-ficcional que permitiu o questionamento mais paradoxal da metaficção histórica. (HUTCHEON, 1991, p. 154)

Os personagens da obra *O Tronco* possuem relação com aspectos da realidade vivida por Bernardo Élis, uma vez que o autor deixa claro em vários relatos que sempre retratou fatos que ouviu falar ou preconceito da sociedade em que vivia, ou seja, da sociedade goiana. Porém pode-se perceber que mesmo não sendo fiel a fatos histórico a metaficção historiográfica segundo Hutcheon (1991), ainda atribui a tais fatos a base para a criação literária, porém, esta teoria estabelece um caráter reflexivo sobre os acontecimentos históricos.

Portanto, a metaficção historiográfica não deixa de se veicular de alguma forma, a personagens e acontecimentos históricos, assim, estes fatos históricos só não são tratados como o fator principal da produção literária, porém, eles devem ser estudados e comprovados como existentes, pois como evidencia Hutcheon (1991), a metaficção historiográfica tem como intuito provocar um novo significado através de uma reflexão provocada pela ajuda ficcional, porém, não perde de vista a base histórica.

Assim, o romance de Bernardo Élis não pode ser considerado um romance metaficcional historiográfico, uma vez que, mesmo encontrando fatos que evidenciem a ligação do romance com aspectos de um determinado momento históricos, retratando acontecimentos importantes ocorridos no interior de Goiás, o fato é que a base histórica não foi idealizada por Bernardo Élis, nem muito menos explicita ao decorrer de sua narrativa. Até aqui se percebeu que a

caracterização do romance *O Tronco* nas teorias do romance histórico, assim como, na metaficção historiográfica se faz inviável, porém, diante do exposto, percebe-se que as teorias evidenciadas até aqui deram espaço para uma literatura que diversificou a maneira de ler e escrever relacionando ficção e história.

As narrativas de extração histórica, ao contrário da metaficção historiográfica não representa uma evolução da teoria do romance histórico, assim, ela trata a matéria de extrato histórico de forma diversificada, talvez este seja, o seu ponto mais significativo. Após algumas pesquisas, observa-se que Bernardo Élis se apoiou em fatos ocorridos na sociedade goiana no século XIX para elaborar seu romance. Percebemos no seu romance alguns indícios que nos remetem a sociedade retratada, como personagens característicos que aqui viveram, lugares e acontecimentos.

Sendo assim, pode-se afirmar que a obra de Bernardo Élis associa um recurso muito usado nas narrativas da contemporaneidade, ela relaciona elementos criados pelo próprio autor a elementos reais, ou seja, a obra literária é criada através de uma mistura entre ficção e realidade, o que deixa o escritor livre para criar sua narrativa, pois ele pode usar sua imaginação para contar determinado acontecimento, o que o possibilita interpretar o mesmo da forma que ele achar melhor, não sendo necessário porém, retratar os fatos como eles realmente aconteceram. Nesta perspectiva o próprio autor, Bernardo Élis, revela detalhes sobre os elementos que envolvem ficção e realidade em seu romance *O Tronco*, Almeida evidência os seguintes relatos de Bernardo Élis:

O livro é ficção, fundamentalmente ficção. Tanto que no começo logo eu digo que é um romance, que ele tem tudo que possa ter os personagens da região, mas eu não retrato ninguém nem que tenha existido ou que existirão futuramente ou que existam no momento. Então, é tipicamente ficção.[...] Agora, é baseado numa história que já aconteceu de verdade, mas essa história eu não dou maiores importâncias ao aspecto histórico do fato, agora eu, para fazer a história, eu conversei com mais de cem pessoas que lá na ocasião viviam. (2003, p.59)

A autora utiliza o depoimento acima, retirado do *making of* do romance, disponível ao público acadêmico na Biblioteca Central da Universidade Católica de Goiás. (Edição conjunta: Vice-reitoria de Assuntos Estudantis, Vice-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa e Biblioteca Central /UCG, s/d.) para comprovar que a realidade fazia parte do processo literário de Bernardo Élis, uma vez que o autor achava nos acontecimentos reais a fonte para sua inspiração literária. Assim na obra em questão o autor relata temas como a justiça da época, a relação de poder, o papel

da mulher, a injustiça de uma sociedade esquecida pelas leis, violência e a opressão, que levam a uma realidade de dor e tragédias.

A narrativa de extração histórica é um tipo de corrente literária que serve como forma de acoplar-se a uma categoria literária de produções como a de Bernardo Élis, que de certa forma se distancia das correntes literárias evidenciadas até então. Os princípios defendidos nesta teoria se relacionam a proposta apresentada no romance, uma vez que o autor não tem como propósito reconstruir acontecimentos de uma época passada, por meio de descrição de fatos e personagens:

A personagem abarca fragmentos da história que ela representa. Porém, ressaltamos que ela nunca poderá abarcá-la em sua totalidade sem correr o risco de se perder o caráter ficcional, fundado na intenção imaginativa e criadora do autor. A visão que temos da realidade é fragmentária, limitada e faz com que os aspectos reais, retratados pela ficção, sejam sempre configurados da mesma forma. (ALMEIDA, 2003, p.29)

Bernardo Élis cria através de personagens fictícios características da época que desejava retratar, porém, ele não visa reconstruir o fato que aconteceu, mas sim, atribuir a sua narrativa elementos que permitam aos leitores usar sua imaginação para refletirem sobre tais fatos. *O tronco* é uma narrativa capaz de nos fazer enxergar as consequências de uma sociedade que era marcada pelo abuso de poder e pela desigualdade. Retratando uma sociedade esquecida pelas leis e pela justiça. *O Tronco* é uma obra de retratação da cruel realidade goiana do fim do século XIX.

Deste modo, o romancista preocupa-se com a descrição dos fatos para que o leitor por si só perceba as veracidades dos fatos narrados, faz isso dando ênfase à riqueza de detalhes o que nos faz associar o romance a verossimilhança, uma vez que o autor transfere a seus personagens fictícios características que nos remetem a acontecimentos específicos. Percebe-se que o autor utiliza até mesmo recursos como o flashback para relacionar acontecimentos da região:

Em *O Tronco* (1956), o tempo é psicológico, transcorrendo numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou das personagens, ou seja, altera a ordem natural dos acontecimentos. Para isso, Bernardo Élis, utiliza uma das técnicas mais conhecidas de retorno ao passado: o flashback. Em *O Tronco* (1956), o presente para o narrador é marcado pelo caso do inventário de Clemente Chapadense, a partir do qual a narrativa volta ao passado, não determinando se próximo ou remoto, para descrever acontecimentos comuns na região. (ALMEIDA, 2003, p. 26)

Isso possibilita-nos perceber que Bernardo Élis esteve preocupado ao mesmo tempo em disfarçar seu relato histórico, mas também, em evidenciar características que mostrassem para o leitor o seu embasamento em fatos reais, mesmo negando convincentemente:

O autor cria a realidade ficcional de acordo com suas percepções, sua visão de mundo, sua intencionalidade, sua capacidade crítica e, com sentimentos e imaginação, a torna concreta e perceptível.[...] na figura do narrador fictício, bem como o historiador, desdobra-se imaginariamente, manipulando a função narrativa. Todavia, o primeiro, diferentemente do segundo, não narra sobre/acerca/ de pessoas, eventos e estados; narra -de maneira intencional- personagens, eventos e estados, característica marcante nos romances representação/transfiguração histórica, tal qual *O tronco* (1915), foco de nossa análise. (ALMEIDA, 2003, p.28)

O “tronco” serviu como instrumento de tortura no interior goiano, que mesmo não estando no tempo da escravidão, onde este instrumento era bastante utilizado, ainda era utilizado para reprimir muitas pessoas, representando a falta de justiça social daquela época retratada pelo escritor.

O que Bernardo Élis faz em seu romance é de certa forma, retomar os acontecimentos do passado, acontecimentos esses que ele mesmo afirma não ter ligação com sua narrativa, para retratar a vida e aspectos marcantes que ocorreram na época mostrada. O coronelismo da época é evidenciado por Bernardo Élis com o intuito de fazer refletir anos mais tardes acontecimentos cruéis que marcaram a vida de toda uma sociedade e que na época ficaram esquecidos, envolvidos nos disfarces criados pela historiografia, feitos com o intuito de esconder fatos que comprometiam interesses de pessoas de prestígio.

Assim, o fato histórico não é visto por Bernardo Élis como fonte de veracidade de seu enredo, mas sim como pano de fundo, ou seja, mesmo tentando transparecer a ficcionalidade de sua obra, Élis junta veracidade e liberdade ficcional para produzir uma obra literária que representam acontecimentos de uma sociedade, a goiana, fazendo assim, com que as pessoas tomassem conhecimento de tais fatos e refletissem com olhos contemporâneos os fatos que se sucederam em tempos remotos.

Através de tais evidências, podemos estabelecer uma associação entre o romance de Bernardo Élis e a teoria da extração histórica uma vez que segundo Trouche (2006), esta teoria representa um conjunto de narrativas que tem como prioridade a representação e a liberdade criadora do escritor, ou seja, ela não procura ligar-se a veracidade dos fatos narrados, mas sim, possibilitar maneiras de representar de forma criativa tais fatos, neste caso a única necessidade é conhecer os fatos, porém a forma com que vão ser representados tais fatos só diz respeito ao escritor e sua criatividade literária.

Portanto pode-se afirmar que *O Tronco* pode ser caracterizado dentro das narrativas de extração histórica, uma vez que a história é usada como intertexto, e que com este recurso Bernardo

Élis criou através da representação literária unindo ficção e histórica, uma obra muito interessante e rica, que é de grande proveito para proporcionar aos leitores os conhecimentos sobre fatos importantes ocorridos no interior de Goiás.

Considerações finais

Através das constatações aqui apresentados podemos afirmar que *O Tronco* é uma narrativa de cunho histórico, que aliada a artifícios ficcionais visa retratar uma história violenta ocorrida no estado de Goiás no fim do século XIX. Sendo assim, a literatura de Bernardo Élis pode ser considerada como uma fonte para aqueles que desejam descobrir com olhos críticos fatos importantes do interior de Goiás, atribuindo aos mesmos sua importância merecida, pois as pessoas que tiveram suas vidas afetadas pelas desmandas de uma sociedade sem justiça merecem pelo menos o reconhecimento daqueles que mais tarde venham a descobrir a situação que viveram.

O recurso utilizado por Bernardo Élis para tornar sutil a divulgação de tais fatos também nos garante elementos que possibilitou analisar a relação entre ficção e história em sua obra e conseqüentemente constatar-se os recursos defendidos pelas narrativas de extração histórica na produção literária de *O Tronco*. Além de ser uma obra que nos possibilita refletir sobre acontecimentos cruéis ocorridos em Goiás, na época do “coronelismo”, serve também como forma para refletirmos sobre a criação literária. Uma vez que através dos estudos evidenciados até aqui, pode-se verificar algumas concepções que tratam de ficção e história nos textos literários. Com isso, percebemos que na contemporaneidade os fatos históricos podem muito bem pertencerem a narrativa de um romance, sem que seja explícita a sua veracidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristiane Roque de. *História e Sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de O Tronco*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás. Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Cristiane Teixeira Machado. Goiânia, 2003, 151 p.

ÉLIS, Bernardo, 1915. *Seleta*; organização de Gilberto Mendonça Teles; estudo e notas do prof. Evanil do Bechara. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.

ÉLIS, Bernardo. *O Tronco*: Romance. 10^a Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

HUTCHEON, Linda: *Poética do Pós-Modernismo*: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PALACÍN, Luiz G. *Coronelismo no extremo norte de Goiás. O padre João e as Três Revoluções de Boa Vista*. CEGRAF. Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. Edições LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1990.

PÓVOA, Osvaldo. A Capelinha dos nove: Policia controla a vila Tiroteio. In: *O Rio Grande*. s/d.

TROUCHE, André Luíz Gonçalves. *América*: história e ficção. Niterói, RJ: EDUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *O Romance Histórico - Teoria e Prática*. In: Lukács e a Literatura. Maria da Glória Bordini. (Org.). Antônio Marcos, et al. Porto Alegre: EDIPUCRS.